

O dêitico *hõhõ* da língua Kuikuro e sua multifuncionalidade: um caso de poligramaticalização?

Silvio Domingues dos Santos*

<https://orcid.org/0000-0002-8592-1698>

“De todos os subsistemas gramaticais, tempo-aspecto-modalidade é provavelmente o mais complexo e frustrante para o linguista. Em primeiro lugar, é uma categoria obrigatória sem a qual frases simples não podem ser produzidas.”
¹ (Givón, 1984, p. 269)

Resumo: Dêiticos estão altamente propensos ao fenômeno da gramaticalização, uma vez que se referem a elementos do contexto imediato – pessoa, tempo, espaço (TAM) –, são frequentemente utilizados em situações comunicativas e operam com base em uma perspectiva egocentrada (Schiffrin, 1987). No presente trabalho, o foco recai sobre o dêitico temporal *hõhõ* da língua indígena brasileira Kuikuro, pertencente à família Karib. Os dados analisados indicam que esse dêitico apresenta características multifuncionais, exercendo funções em algumas categorias de TAM. Propomos que se trata de um caso de poligramaticalização, isto é, de múltiplos desdobramentos gramaticais distintos a partir de um mesmo elemento (Lehmann, 2024).

Palavras-chave: Dêiticos. Gramaticalização. Poligramaticalização. Kuikuro.

The deictic *hõhõ* in Kuikuro and its multifunctionality: A case of polygrammaticalization?

Abstract: Deictics are highly prone to the phenomenon of grammaticalization, as they refer to elements of the immediate context — person, time, and space (TAM) —, are frequently used in communicative situations, and operate from an egocentric perspective (Schiffrin, 1987). In this study, we focus on the temporal deictic *hõhõ* from the Brazilian Indigenous language Kuikuro, which belongs to the Carib family. The analyzed data indicate that these deictic displays multifunctional characteristics, performing functions across some TAM categories. We propose

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutorando em Letras pela UNESP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: silviodomingues@hotmail.com.

¹ Tradução nossa para: “Of all grammatical sub-systems, tense-aspect-modality is probably the most complex and frustrating to the linguist. For one thing, it is an obligatory category without which simple sentences cannot be produced.”.



that this is a case of polygrammaticalization, that is, multiple distinct grammatical developments originating from a single element (Lehmann, 2024).

Keywords: Deictics. Grammaticalization. Polygrammaticalization. Kuikuro.

El deíctico hōhō de la lengua kuikuro y su multifuncionalidad: ¿un caso de poligramaticalización?

Resumen: Los deícticos son altamente propensos al fenómeno de la gramaticalización, ya que se refieren a elementos del contexto inmediato — persona, tiempo y espacio (TAM) —, se utilizan con frecuencia en situaciones comunicativas y operan desde una perspectiva egocentrada (Schiffrin, 1987). En este trabajo, nos centramos en el deíctico temporal *hōhō* de la lengua indígena brasileña Kuikuro, perteneciente a la familia Karib. Los datos analizados indican que este deíctico presenta características multifuncionales, cumpliendo funciones en algunas categorías de TAM. Proponemos que se trata de un caso de poligramaticalización, es decir, desarrollos gramaticales distintos a partir de un solo elemento (Lehmann, 2024).

Palabras clave: Deícticos. Gramaticalización. Poligramaticalización. Kuikuro.

Introdução

A epígrafe em questão destaca a apreciação de Givón (1984) em relação à importância das categorias tempo, aspecto e modalidade (TAM), bem como a complexidade que envolve sua análise por parte de um linguista. Entre esses três domínios, o tempo, segundo Comrie (1985), corresponde à expressão gramatical da localização temporal de eventos. Ainda que algumas línguas não possuam marcação gramatical explícita de tempo, falantes podem recorrer a outros meios, como advérbios ou expressões lexicais, para estabelecer essa referência (Musan e Rathert, 2011; Binnick, 1991). No que se refere ao aspecto, Comrie (1976) o define como a maneira pela qual se observa a constituição temporal interna de uma situação, independentemente de sua localização no tempo. Já a modalidade², conforme Bybee *et al.* (1994) e Palmer (2001),

² Optamos por utilizar o termo modalidade, pois, como bem explica Travaglia (2016), o termo ‘modo’ está comprometido com os ‘modos gramaticais’ (indicativo, subjuntivo e imperativo), tradicionalmente descritos como categorias morfossintáticas associadas à flexão verbal. Travaglia entende que os dois termos são usados frequentemente como sinônimos. No entanto, a modalidade constitui uma categoria de natureza semântica e pragmática.

está relacionada à expressão de atitudes e opiniões do falante sobre o evento, sendo a mais subjetiva das três categorias.

Essas três categorias estão frequentemente associadas a processos de mudança linguística, como a gramaticalização, entendida como a transição de itens lexicais ou construções para formas mais gramaticais. Nesse contexto, destaca-se o papel das dêixis – especialmente a dêixis temporal – como elemento central na estruturação das categorias TAM. Lyons (1977) define a dêixis como a referência contextual a pessoas, objetos ou eventos em relação ao tempo e espaço do discurso, sendo os advérbios temporais exemplos mais típicos dessa categoria (Lenz, 2003).

Nesse cenário, observa-se que o dêitico temporal *hōhō* (agora) da língua indígena brasileira Kuikuro parece desempenhar funções gramaticais que transcendem seu uso “original”. Estudos anteriores já descreveram funções semelhantes assumidas por itens lexicais equivalentes a esse dêitico temporal em outras línguas (português, inglês e inglês-crioulo de Trinidad), entre as quais: marcador discursivo (Schiffrin, 1987); operador argumentativo (Lins, 2007); marcador de obrigatoriedade (Deuber, 2010); e conector (Silva; Oliveira, 2012). No caso do item lexical *hōhō*, observa-se que algumas dessas funções mencionadas também são assumidas por esse dêitico, notadamente:

- futuro próximo/imediato;
- modalidade deôntica;
- marcador discursivo temporal.

A fim de facilitar a análise e compreensão do fenômeno, consideremos os exemplos (1), (2), (3) e (4) a seguir:

(1) *Nahũ, tsake hōhō u-kilü!*

Nahũ, ouvir ADV 1SG-dizer

‘Nahũ, agora ouça o que eu digo’

(2) *Tits-e-tai hõhõ itigati*

₁PL-ir-SUF PTCL para lá

‘Vamos/estamos indo para lá’

(3) *Ekise heke hõhõ tuü ahetinhoba-tomi*

₃SG ERG PTCL pai dele ajudar-FIN

“Ele deve ajudar o pai (dele)”

(4) *itita hõhõ itsagü lepene leha etelü leha.*

PREP PTCL ficar depois PTCL ir PTCL

“Ficou lá (por um tempo) e depois se foi”

Em (1) o dêitico desempenha sua suposta forma plena temporal, ou seja, o item lexical localiza, no tempo, o momento presente do enunciado. No exemplo seguinte, em (2), *hõhõ* é utilizado para expressar uma referência temporal que, embora ainda presente, tem como objetivo enfatizar a intenção do falante em realizar uma ação que se inicia *agora*, no momento do discurso – uma expressão de futuro imediato/iminente³. No terceiro exemplo, a leitura de *localização no tempo* não expressa com exatidão o que o falante pretende exprimir naquele enunciado, pois, nesse caso, *hõhõ* contribui para uma noção de modalidade deôntica (obrigatoriedade). Por fim, no exemplo (4), *hõhõ* assume a função de marcador discursivo temporal. O advérbio parece atuar como um localizador temporal, situando o evento em um momento específico que o contexto sugere, nesse caso, o passado (naquele momento). Ao analisar as funções encontradas nos exemplos (2), (3) e (4), passamos a descrever e glosar o dêitico temporal como uma partícula (PTCL), uma vez que demonstra características de conteúdo funcional – noção que segue as propostas de Keenan (1976) nas suas definições para partícula.

³ Franchetto (1986) e Santos (2007) já apresentaram alguns dados envolvendo *hõhõ* e o morfema *-tai*, em uma construção na qual o advérbio é utilizado para expressar o que as autoras denominaram de ‘modo intencional’. Segundo elas, o modo intencional é utilizado pelo falante para expressar uma ação sobre a qual o sujeito tem total controle intencional e cuja a realização imediata já está implicada.

Kuikuro é uma língua que não apresenta flexões verbais de tempo⁴, fato esse que nos remete às discussões iniciais desta introdução: línguas nas quais não há referência de tempo, os falantes podem recorrer a itens lexicais para expressar essa noção ou para desempenhar novas funções no discurso. Sendo assim, acreditamos que *hōhō* seja o item lexical “eleito” pelos falantes para tais referências relacionadas às categorias de tempo e modalidade. Essa diversidade de funções despertou nossa curiosidade e nos levou a supor que a semântica do dêitico temporal, bem como contextos e construções nos quais ele se insere, tenham favorecido sua conceptualização, desencadeando, assim, um possível processo de poligramaticalização. A poligramaticalização, é definida como a ramificação de uma única fonte em dois ou até mais diferentes resultados de gramaticalização (Lehmann, 2024).

Em vista do exposto nesta introdução, o presente artigo propõe uma análise e interpretação das funções exercidas pelo dêitico temporal *hōhō*, buscando, por meio das teorias funcionalista e cognitiva, uma possível explicação para as motivações das mudanças semânticas e da multifuncionalidade do item lexical em questão.

Como a língua analisada não possui evidências históricas diretas para análises diacrônicas, tomamos a função de dêitico temporal como historicamente primária, considerando as demais funções gramaticais como desenvolvimentos semânticos posteriores. Lichtenberk (1991) diante de um impasse semelhante em seu trabalho, propõe o critério *naturalidade* como parâmetro a ser aplicado nesses casos. Assim, no caso de *hōhō*, é mais plausível que o significado de dêitico temporal tenha sido a fonte para as demais mudanças semânticas – e não o contrário. Ademais, estudos da linguística cognitiva e da gramaticalização (Lakoff (1980); Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); Traugott e Dasher (2002)) indicam que mudanças semânticas tendem a seguir um percurso do mais concreto para o mais abstrato; no caso em questão: dêitico espacial > interpretação temporal > interpretação modal.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: iniciamos com uma apresentação de aspectos gerais do povo Kuikuro e de sua língua, além de uma breve

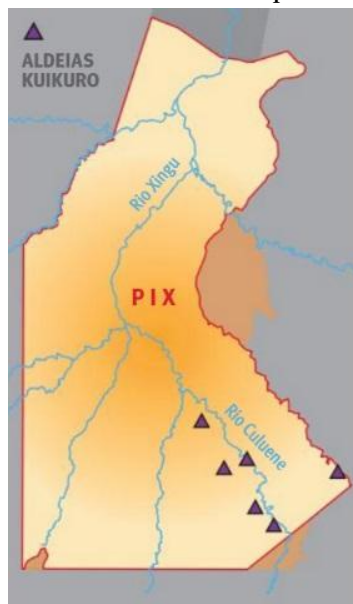
⁴ Com exceção de um sufixo, *-ingo*, usado especificamente para expressões de futuridade, como aponta Santos (2007).

explicação sobre o *corpus* e a metodologia utilizados em nossas análises. Em seguida, expomos os pressupostos teóricos relacionados à gramaticalização, à poligramaticalização e à dêixis. Na seção de análises, primeiramente examinamos as funções exercidas pelo dêitico temporal *hõhõ*, buscando apresentar teorias e reflexões que expliquem a relação entre sua possível semântica original e as funções como marcador de futuro próximo, marcador de obrigatoriedade e marcador discursivo temporal. Posteriormente, apresentamos uma análise quantitativa, a fim de analisar a distribuição funcional do dêitico *hõhõ* no corpus analisado. Encerramos com nossas considerações finais.

O povo Kuikuro e a língua Karib

O povo Kuikuro é um dos 16 povos que habitam o Parque Indígena do Xingu. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA) (2011), os Kuikuro habitam três aldeias próximas às margens do rio Culuene, ao norte do estado brasileiro de Mato Grosso. As três aldeias habitadas pelos Kuikuro constituem-se da aldeia maior e principal denominada *Ipatse*, localizada um pouco distante da margem esquerda do médio Culuene, onde dados da época registravam mais de 300 pessoas vivendo ali. A aldeia de *Ahukugi* surgiu em 1997, na margem direita do Culuene, rio acima de *Ipatse*, com 100 pessoas. A terceira aldeia formada foi na antiga *Lahatuá*, com um grupo familiar de uma dezena de pessoas. Há ainda indivíduos Kuikuro que vivem em outras aldeias do Alto Xingu, como na aldeia Yawalapiti, por meio de alianças políticas e matrimoniais, além de outras aldeias de povos Karib. De acordo com dados apresentados pelo ISA (2011), em seu almanaque, a população é estimada em 520 indivíduos, e é a maior população do alto Xingu.

Figura 1: Aldeias Kuikuro no Parque Indígena Xingu



Fonte: Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos (2011)

Em relação à língua falada pelo povo Kuikuro, trata-se de uma língua da família Karíb. De acordo com Rodrigues (1994), o nome Karib (Caribe) é umas das designações dadas ao povo indígena que ocupou, em séculos passados, grande parte da costa norte da América do Sul e as Pequenas Antilhas, estendendo-se desde o norte da foz do Amazonas, passando pela Guiana Francesa (denominados Galibi), pelo Suriname (Karaiben, Kaliña), pela Guiana (Carib) até a Venezuela (Cariña). Os povos cujas línguas apresentam parentesco genético com a língua Karib são consideradas integrantes da família linguística Karíb. Dessa forma, as variedades alto-xinguanas Kalapalo, Ikpeng, Kuikuro, Matipu, Nahukwá e Naruvotu são todas caracterizadas como pertencentes à família Karíb.

De acordo com Franchetto (1986), a língua kuikuro manifesta padrão ergativo, evidenciado pela marcação morfológica dos constituintes nominais e pela estrutura argumental dos verbos. Segundo Gildea e Queixalós (2010), em seu trabalho sobre tal padrão em línguas amazônicas, a ergatividade é o reflexo de como dois argumentos do verbo transitivo, o argumento agentivo e o argumento mais paciente, se alinham a um único argumento do verbo intransitivo. Os padrões que distinguem o alinhamento incluem marcação nominal de caso, marcação verbal de pessoa e ordem verbal vis-à-vis. Segundo Franchetto (1986), em Kuikuro o sufixo *-heke* é o marcador do Caso Ergativo,

marcando o argumento com papel temático de Agente. Santos (2007, p. 32) afirma que o “Agente de verbos transitivos é tratado diferentemente do objeto e do argumento único dos verbos intransitivos, que não recebem nenhuma marca morfológica (Caso Absolutivo).”.

Além da característica da ergatividade, é essencial mencionar mais observações de Santos (2007) sobre a língua: Em relação a ordens dos constituintes, a língua pode apresentar ordens OVA (objeto no Caso Absolutivo) e AOV. Kuikuro não apresenta nenhuma forma de concordância, sem nenhuma marcação morfológica de casos. Há prefixos de pessoas que não constituem concordância verbal num sentido estrito, já que não copiam traços de um Sintagma Nominal externo; desse modo, funcionam como marcadores de pessoa obrigatórios do argumento absolutivo, portanto, tais prefixos, tratam-se de indexadores. Os verbos não carregam ou expressam informações temporais – com exceção do sufixo *-ingo*, utilizado para marcar futuridade.

Os dados para análise, pesquisa e metodologia

Os dados analisados nessa pesquisa provêm majoritariamente de obras escritas na língua Kuikuro, especialmente textos de autoria de Yamaluí Kuikuro Mehinako, um importante pesquisador indígena com ampla produção sobre sua língua e cultura. Dentre essas obras, destacam-se os livros bilíngues *Dono das palavras – A história do meu avô* (2024), *Surgimento da festa Jawari*⁵ (2011) e um livro ilustrado por professores Kuikuro e disponibilizado virtualmente, *Kungatagohoha igei ngongoi*⁶. As obras de Mehinako apresentam uma estrutura narrativa, uma com relatos factuais e outra ficcionais, ambas incorporando diálogos entre personagens. O terceiro livro possui um caráter mais descritivo e etnográfico, apresentando uma classificação dos ecossistemas da região Kuikuro com base em saberes tradicionais.

⁵ Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/surgimento-da-festa-jawari-hagaka-etihuntepugu>

⁶ Em: <http://www.lettras.ufmg.br/padrao/cms/documentos/eventos/indigena/Livro%20KUIKUROa.pdf>.

Adicionalmente, contamos com o apoio pontual de um falante nativo da língua Kuikuro, residente na aldeia *Ipatse*, com quem estabelecemos contato inicial durante uma apresentação cultural realizada pelo povo Kuikuro na Toca da Raposa, no município de Juquitiba (SP). Esse colaborador, alfabetizado e fluente em português, contribui com o esclarecimento de dúvidas pontuais e com formulação de exemplos, auxiliando na interpretação de dados linguísticos encontrados nas obras. A comunicação ocorre por meio de mensagens virtuais, de maneira não sistemática, conforme surgem questões relevantes ao longo da análise. Ressalta-se que não foram realizadas entrevistas gravadas nem coleta de dados orais; a participação do falante tem caráter consultivo, voltado à validação e à compreensão de construções específicas da língua.

As glosas para nosso trabalho seguem o padrão *Leipzig Glossing Rules*⁷ (Comrie, Haspelmath & Bickel, 2008), bem como algumas poucas criadas especificamente para a nossa análise da língua Kuikuro⁸.

A teoria da gramaticalização

Para Traugott e Heine (1991), a gramaticalização é um processo linguístico que ocorre tanto diacronicamente quanto sincronicamente, envolvendo a organização de categorias e a codificação gramatical. Segundo esses autores o processo revela que as categorias da linguagem não são fixas nem claramente delimitadas, havendo uma zona de transição entre léxico e gramática. Por isso, as categorias gramaticais apresentam indeterminação e não são separadas de forma rígida e absoluta. O termo gramaticalização foi primeiramente usado por Meillet (1912) em seu trabalho sobre o tema. O autor observou, por exemplo, que o item lexical *suis*, do francês, apresentava diferentes funções como em *je suis ici* e *je suis parti* – sendo que, nesta última, o termo tinha um caráter mais gramatical e semanticamente esvaziado em relação ao uso

⁷ Disponível no sítio <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>

⁸ Disponível no final do artigo, antes das referências, na seção *Glosas*.

anterior. Esse processo, segundo o Meillet, é definido como evolução gramatical a partir de formas lexicais. Trabalhos posteriores, como o de Kuryłowicz (1965), acrescentaram a ideia de que, por meio da gramaticalização, uma forma pode assumir um caráter ainda mais gramaticalizado. Em síntese, como resumem Hancil e König (2014), a maioria dos estudos nessa área define a gramaticalização como um processo pelo qual elementos lexicais se desenvolvem em marcadores gramaticais e marcadores gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais.

Além da tradicional visão de item lexical > morfema, derivada de Meillet, há uma outra tradição normalmente associada a Talmy Givón (1979) que foca no conjunto de discurso e evolução de estrutura sintática e morfológica por meio da fixação de estratégias discursivas. Givón (1979, p. 209) esquematiza o processo como uma das ondas cíclicas envolvendo:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmico > zero.

Givón (1979) afirma que, num processo de gramaticalização, uma forma mais pragmática de comunicação dá lugar a uma mais sintática. Conforme Heine *et al.* (1991), em tal perspectiva, estruturas discursivas livres e paratáticas desenvolvem-se em estruturas sintáticas fechadas; e uma vez que estas últimas se desgastam com o tempo por meio da morfologização, lexicalização e atrito fonológico, o resultado é a onda cíclica representada por Givón. Heine *et al.* (1991) Destacam ainda que essa linha de pesquisa amplia os estudos em relação à gramaticalização ao considerá-la não apenas como a reanálise de material lexical, mas também como reanálise de padrões discursivos que passam a assumir funções gramaticais, bem como de funções originalmente discursivas que passam a operar no nível oracional, assumindo papéis semânticos.

Poligramaticalização

Como aponta Lichtenberk (1991), quando um morfema – lexical ou gramatical – apresenta diferentes significados ou funções, é comum questionar qual a relação entre eles. Uma possibilidade, segundo o autor, é que todos esses significados compartilhem certas propriedades, isto é, que haja um conjunto de condições necessárias e suficientes para cada um deles. Ainda que todos os significados de um elemento polissêmico estejam de algum modo relacionados, é frequente a existência de graus de parentesco entre eles. Por exemplo, se o significado C se desenvolve a partir de B, e este, por sua vez, deriva de A, é mais provável que C esteja mais intimamente relacionado a B, do que a A, ou seja, uma relação mais próxima com B do que com A. Além disso, pode ocorrer de B e C estarem ambos relacionados a A, mas por meio de conjuntos de propriedades diferentes: B compartilha a propriedade x com A, enquanto C compartilha a propriedade y. Nesse caso, B e C não possuem propriedades comuns entre si, estando ligados apenas indiretamente por meio de uma origem comum A.

Em estudos da gramaticalização, casos de um único morfema se desenvolvendo em diversos marcadores gramaticais em vários domínios funcionais, é caracterizado como poligramaticalização. Craig (1991) define o termo poligramaticalização como o fenômeno pelo qual um único morfema é fonte de múltiplas gramaticalizações em cadeia, desenvolvendo-se em diferentes domínios funcionais. O autor descreve essas cadeias como sequências encadeadas, em que o resultado de uma gramaticalização se torna fonte da próxima, formando um percurso gradual:

[fonte → trajetória → resultado] / [fonte → trajetória → resultado], e assim por diante.

Esse encadeamento pode deixar traços visíveis na língua, sobretudo quando morfemas polissêmicos compartilham significados próximos. Para Craig (1991), a

conectividade semântica entre essas formas pode revelar os estágios sucessivos de gramaticalização em uma língua.

Lehmann (2024), por sua vez, define a poligramaticalização como um desenvolvimento ramificado de uma fonte, sendo essa responsável por dois ou mais resultados distintos de gramaticalização. Segundo o autor, esse processo pode levar, em estágios posteriores da língua, à presença sincrônica de um conjunto de formativos gramaticais homônimos ou semanticamente semelhantes, mas com funções diferentes, relacionadas entre si apenas diacronicamente. Lehmann (2024) cita como um caso de extrema poligramaticalização, o verbo *haver* da língua portuguesa. De acordo com ele, esse verbo manifesta ao menos quatro funções:

1. indicador de futuridade;
2. auxiliar de perfectividade;
3. auxiliar de modalidade deôntica
4. verbo existencial.

Essas gramaticalizações de *haver*, como destaca o autor, obviamente não ocorrem simultaneamente. Por fim, Lehmann (2024) chama a atenção para duas questões centrais sobre a poligramaticalização:

- i. Se apenas um lexema for considerado, uma única fonte pode estar na origem da ramificação. No entanto, se o lexema é usado em diferentes construções, essas são as responsáveis pela divergência. Assim, para Lehmann (2024), a poligramaticalização é uma evidência convincente do reconhecimento de que não é apenas o significado lexical que determina o alvo de sua gramaticalização, mas sim a construção na qual é utilizado;
- ii. Em tais casos, Lehmann (2024) argumenta que o significado do item fonte já apresenta, desde o início, baixa especificidade semântica. Essa característica é justamente o que possibilita seu uso em diferentes construções, favorecendo

o surgimento de construções resultantes nas quais o significado do item isolado desempenha um papel secundário em relação ao significado global da construção.

Entre as duas propostas apresentadas sobre a poligramaticalização, a de Lehmann (2024) mostra-se mais adequada à análise do objeto de estudo deste trabalho, além de estar em consonância com os graus de parentescos propostos por Lichtenberk (1991). Assim, a investigação da possível poligramaticalização do item lexical *hõhõ* será conduzida a partir da perspectiva de Lehmann (2024).

Aspectos semânticos e funções do dêitico temporal *agora*

De acordo com Schiffrin (1987), elementos dêiticos são responsáveis por relacionar um enunciado às suas coordenadas de pessoa, espaço e tempo. Entre eles, o advérbio *agora* é classificado como um dêitico temporal, pois estabelece uma relação entre o momento em que uma proposição é assumida como verdadeira e o momento em que é proferida no enunciado. Em outras palavras, seu significado depende diretamente do tempo de fala, funcionando como um marcador ancorado na situação de enunciação. Lenz (2003) amplia essa compreensão ao afirmar que a dêixis atua como uma interface entre semântica e pragmática, com significado sempre dependente do contexto enunciativo. Embora expressões dêíticas não tenham sentido fixo fora do discurso, possuem um valor referencial claro quando usadas. Para o autor, o estudo das dêixis deve considerar também aspectos perceptuais e cognitivos, já que elas se baseiam em modelos cognitivos idealizados. No caso da dêixis temporal, por exemplo, o tempo é concebido metaforicamente como espaço: os referentes são posicionados em relação a um do centro dêitico numa ordem linear, refletindo a própria natureza temporal do discurso.

Ao analisar o uso do dêitico temporal *agora* no português brasileiro, Risso (2002) observa seu papel como marcador de circunstância temporal, estruturalmente vinculado ao plano sentencial. Em construções com verbos no presente do indicativo, o advérbio expressa uma relação de proximidade entre o evento e o momento da fala, ou seja, atualidade. Neves (1989) argumenta que *agora* não expressa um momento fisicamente ou objetivamente delimitado. Em vez disso, possui uma abrangência variável, que pode se estender ao passado ou ao futuro, desde que mantenha a relação com o presente da enunciação. Para Risso (2002), a marcação exata do tempo da fala só ocorre quando o advérbio é acompanhado por intensificadores como *mesmo* – como em *agora mesmo*.

Retomando Schiffrin (1987), a autora também destaca que o valor dêitico de *now* (*agora*) influencia seu uso em diversos planos discursivos. Por ser um dêitico, *now* referencia um tempo de fala, que pode coincidir com o presente (tempo de fala) ou apontar por um tempo futuro. Além disso, de forma similar, Matos (1988) observa que o advérbio *agora* aparece em textos narrativos do passado, combinando-se com quase todos os tempos pretéritos. Rohrer (1986) explica que essa ocorrência de um dêitico temporal em narrativas passadas se deve ao fato de que *agora* não apenas localiza temporalmente um evento, mas também carrega uma dimensão interpretativa, chamada pela autora de perspectiva temporal.

***Hôhõ* - dêitico temporal**

Assim como os dêiticos temporais das línguas europeias mencionadas anteriormente, o item lexical *hõhõ*, da língua kuikuro, é utilizado em certos contextos como um marco de referência para a localização temporal. Como a língua indígena em questão não marca tempo morfologicamente nos verbos, os advérbios temporais parecem funcionar, em alguns casos, como estratégia dos falantes para especificar o momento de ocorrência de uma ação em relação ao ato da fala. A seguir, serão apresentados alguns exemplos para discutirmos essas funções:

(5) *U- katsu- da hōhō igei*

1S- trabalhar-PROG agora COP

“Estou trabalhando agora”

(6) *Ke-itaginhue atsange hōhō*

IMP-NEG-falar-SUF PTCL agora

“Não fale agora!”

(7) *Maria leha tūnga āde*

Maria PTCL Casa agora

“Maria está em casa agora”

(8) *Johé etibelü leha āde*

Johé chegar PTCL agora

“Johé chegou agora”

Ao expressar a função dêitica associada à noção de *neste momento*, observou-se que *hōhō* pode estar acompanhado de duas categorias gramaticais: o modo imperativo (6) e o aspecto progressivo ⁹ (5). No entanto, nos exemplos (7) e (8) *hōhō* não aparece nos dados como forma dêitica utilizada para especificar que algo ocorre ou é observado no momento da fala, mas sim o dêitico temporal *āde* (hoje) precedido da partícula *leha* (já) – que parece exercer aqui uma função de marcador temporal (passado) ou de mudança de estado. Essa construção – *leha + āde* – passa a funcionar como um centro dêitico (equivalente a *agora*) em enunciados que expressam um passado completo. Isso pode sugerir que quando a ação se conclui no momento do discurso (ou imediatamente antes dele), os falantes recorrem a construção *leha...āde*. Por outro lado,

⁹ Santos (2007, p. 101) classifica como ‘aspecto continuativo’ e explica que esse tipo de aspecto é uma forma de “descrever uma ação ou evento como processo, com uma extensão temporal inerente, no passado ou como atividade em curso concomitante ao evento de fala”. Optamos, devido à glosa utilizada, a classificação aspecto progressivo.

quando o *agora* expressa uma ação que se inicia ou está em curso a partir do momento da enunciação, utiliza-se *hōhō*.

***Hōhō* – marcador intencional**

Como explica Santos (2007), na língua kuikuro existe o denominado *modo intencional*. Segundo a autora, esse modo é utilizado pelos falantes para expressar a intenção ou o desejo de realizar algo em um futuro iminente no qual o falante ou uma terceira pessoa já estejam envolvidos. Esse fenômeno se manifesta na construção formada pelo morfema *-tai* (ou formas alomórficas: *-tsai, -dai, -gai*) em combinação com o dêitico temporal *hōhō*. Embora não se encontre, em trabalhos anteriores, descrições específicas sobre a semântica do morfema *-tai*, um item lexical de despedida utilizado na língua pode oferecer indícios sobre sua possível função semântica. A forma “*utetaiha*” é usada pelos falantes de kuikuro para se despedir (*tchau*) o que sugere que *-tai* possa estar relacionado à expressão de intencionalidade ou volição do falante em realizar determinada ação. Na construção do modo intencional, o dêitico temporal *hōhō* possivelmente exerce a função de reforçar a referência temporal da ação, situando-a a partir do momento presente – o agora – e projetando-a para um futuro imediato (10), (11), (12). Tal noção dialoga com a proposta de Schiffrin (1987), segundo a qual esse tipo de dêitico indexa uma expressão para um tempo de referência que coincide com o tempo de fala (presente) ou aponta para um tempo posterior (futuro).

- (9) U -te- tai- ha
 1S-ir -SUF-PTCL
 Eu vou! (tchau!)

(10)[...] ĩde hōhō aka-e uünggü-tai
 Aqui PTCL PREP-2S dormir-SUF
 “Vou dormir aqui com você”

(11) U-katsu-dai hōhō
 1S-trabalhar-SUF PTCL
 “Vou trabalhar”

(12) Ngingi-tai hōhō api
 Visitar-SUF PTCL meu avô
 “Vou visitar meu avô”

A construção do modo intencional está estritamente ligada à característica da subjetividade, ou seja, somente utilizada no discurso dos falantes das primeiras pessoas. E isso se deve à intencionalidade expressa pelo morfema e à característica de perspectiva egocentrada dos dêiticos, apontada por Schiffrin (1987). Quando se descreve uma ação iminente realizada por outra pessoa, encontramos construções diferentes: há o uso do sufixo que designa progressividade (-*tagü*, -*dagü*); o verbo principal com um prefixo (*to-*, *tü-*) e o sufixo (-*inha*). Em relação a essa questão de restrição, é comum que itens lexicais ou construções possuam restrições em estágios incipientes de itens gramaticalizados, e isso pode ser uma forma de medir seu grau de gramaticalização.¹⁰ Como trata-se de uma construção, *hōhō* normalmente aparece em uma posição fixa, após morfema *tai*; no entanto, como podemos observar em (10) isso não se aplica. Não

¹⁰ Caso semelhante de restrição pode ser observado na gramaticalização do marcador de futuridade “*shall*” da língua inglesa, especialmente no inglês clássico e na variedade britânica contemporânea. Como explica Bybee (1987), *shall* originalmente expressava “dever”. No período da língua-saxã no qual foi escrito *Beowulf* (por volta do ano 1000 EC), esse item lexical já demonstrava que, quando usado com um sujeito de primeira pessoa, o sentido de obrigação equivalia a uma promessa de realizar uma ação e, por implicação, a uma declaração de intenção. Segundo a autora, o uso de *shall* acabou se restringindo à primeira pessoa, enquanto seu sentido de predição tornou-se gradualmente central. O uso difundido do também auxiliar de futuridade *will* possivelmente influenciou tanto a limitação do uso de *shall* a contextos específicos quanto a redução de seu grau de gramaticalização.

foi possível determinar se essa mudança se deve a alguma ênfase ou outra motivação linguística.

***Hôhō* – marcador de obrigatoriedade**

Em seu trabalho a respeito do uso de verbos modais na interface inglês e inglês-crioulo de Trinidad, Deuber (2010) aborda – em dado momento – o uso do dêitico temporal *now* que exerce função modal, expressando assim obrigação ou necessidade (modalidade deôntica). A autora em questão também cita Allsopp (1996), e seu *Dicionário de Uso de Inglês Caribenho*, que documenta casos de variedades caribenhas do inglês, incluindo a de Trinidad, nas quais *now* exerce a função de marcador de obrigatoriedade. Para Deuber, trata-se de um caso de gramaticalização que pode ser resultado dos frequentes usos do dêitico temporal *now* em contextos que implicam urgência, contextos que levam à sua reinterpretação como um marcador de obrigação. Portanto, nesse caso, *now* pode carregar não apenas a ideia de tempo presente, como sugerido por Schiffrin (1987), mas também a de urgência. Sendo assim, a relação pragmática entre *tempo presente* + *urgência* leva à leitura de necessidade ou dever.

Tal fenômeno, similar às variedades caribenhas do inglês, parece ser aplicável ao caso da língua kuikuro e seu dêitico temporal *hōhō*. Embora, supostamente, tal item lexical apresente uma localização no tempo e aponte para o tempo presente, é notável que *hōhō* também pode expressar a ideia de obrigatoriedade, como pode ser observado nos exemplos (18) e (19).

(18) *Atahehitse hohō!*

Estudar OBLIG

“Você tem que estudar!”

(19) *kutahe hõhõ u-kilü e-heke*

Escutar OBLIG 1S-dizer 2S-ERG

“Você deve prestar atenção no que eu digo!”

Possivelmente, tal reinterpretação modal surja de um contexto de ambiguidade no uso do dêitico temporal: sendo utilizado em contextos imperativos ou prescritivos, o dêitico pode então adquirir uma carga modal implícita, e não apenas implicando, mas também pressupondo uma obrigação ou urgência. Podemos ilustrar esse fenômeno com um exemplo hipotético em língua portuguesa. Em (20a), o advérbio exerce apenas a função de marcador temporal, indicando a ocorrência do tempo presente imediato. Já em (20b), *agora* carrega uma carga pragmática adicional, sugerindo não apenas uma noção temporal, mas também uma exigência ou obrigação implícita. É possivelmente nesse último contexto de ambiguidade – entre valor temporal e modal (de obrigatoriedade) – que se encontram condições propícias à ocorrência de inferência pragmática, reanálise e dessemantização (*bleaching*), caracterizando, assim, um caso de gramaticalização.

(20) (a) Você vai dormir agora!

(b) Agora você vai dormir!

É possível avaliar o grau de dessemantização de um item observando-se contextos em que o uso de sua forma lexical plena seria incoerente ou agramatical, especialmente quando comparado a outros itens da mesma categoria. Com base nisso, analisamos também contextos em que o dêitico temporal em questão ocorre em enunciados acompanhados de outros elementos linguísticos que contradizem a noção de *momento da fala* – como é o caso dos advérbios temporais *amanhã* e *ontem*, exemplos (22) e (23). Conclui-se que a dessemantização de *hõhõ* permite, nesse caso, seu uso compatível com outros advérbios temporais num mesmo enunciado, mesmo quando estes indicam tempos distintos daquele originalmente associado ao momento da fala.

(21) ãde ibükilü hõhõ

hoje terminar OBLIG

“Tenho que terminar isso hoje”

(22) kegetsiku hõhõ katsu-ingo

Amanhã OBLIG trabalhar-FUT

“Terá que trabalhar amanhã”

(23) Konigeku hõhõ egei kagamuke-ko kügitsa u-heke

Ontem OBLIG COP criança-PL cuidar 1PS-ERG

“Ontem eu tive que cuidar das crianças”

***Hõhõ* – marcador temporal discursivo**

Como explica Schiffrin (1987), os marcadores discursivos são palavras ou expressões que organizam o discurso, sinalizam relações entre enunciados e ajudam o interlocutor a interpretar a intenção do que é dito. Essas são justamente as funções que *hõhõ* parece exercer, atuando como um dêitico temporal que marca o momento em que uma ação ou estado ocorre dentro do discurso, situando eventos no fluxo narrativo. Como já discutido anteriormente, Neves (1989 *apud* Risso (2002) acredita que advérbios como *agora* não necessitam indicar um momento pontual fixo, mas podem cobrir intervalos temporais variados – inclusive no passado – contanto que estejam vinculados ao foco temporal do discurso. Os três primeiros exemplos (24), (25) e (26) são retirados do livro de Mehinaku (2024) no qual ele narra a vida do avô. Nesses contextos de narração e relato, *hõhõ* parece se referir ao presente de uma situação passada – ou seja, ao *agora* interno da narrativa, equivalente a *naquele momento*. Sendo assim, acreditamos que esses casos se tratam de uma função de marcador discursivo temporal, cuja referência é relativa ao tempo interno da narrativa, e não ao tempo da enunciação. No

exemplo (24), a seguir, podemos observar que *hōhō* é utilizado para marcar o momento em que algo no passado ocorre, situa a ação *naquele momento* do discurso. Já nos exemplos (25) e (26), observa-se que o marcador atua como âncora de quadros temporais, sinalizando o início de um estado ou evento. Em seguida observa-se a ocorrência de uma ação completiva, que indica o encerramento ou transição daquele estado, marcando assim o limite desse segmento narrativo.

(24) Inhalü hōhō itaginhukoi, itsotūdagü gele hōhō egei
 NEG PTCL falar bravos ainda PTCL COP
 “Não falaram nada (no momento), ainda estavam bravos”

(25) ihitinhügü hōhō i-heke lepene leha iküilü i-heke
 Rezar PTCL 3SG-ERG depois PTCL curar 3SG-ERG
 “primeiro ele rezou e depois ele curou”

(26) itita hōhō itsagü lepene leha etelü leha
 PREP PTCL ficar depois PTCL ir PTCL
 “Ficou lá algum tempo e depois se foi”

Como não há marcação temporal morfológica nos verbos da língua *kuikuro*, advérbios temporais/locuções adverbiais de tempo podem favorecer a leitura pretérita. Destacando um trecho maior da narrativa de Mehinaku em *Dono das palavras*, podemos observar no exemplo (27) que o advérbio temporal *mitote* (“pela manhã”) parece ser retomado por *hōhō*, funcionando como um elemento de enquadramento temporal em *Etepe ngodingalü hōhō ihekeni* (eles saíam [naquele momento (pela manhã)] da aldeia). O período seguinte encerra o enunciado com *kohotsi* (final da tarde), delimitando assim a sequência de evento dentro da narrativa. Os dados analisados nos sugerem que *hōhō* introduz um momento na sequência de ações passadas. Sua função aqui é organizar a progressão dos eventos narrados, conectando ações anteriores com subsequentes dentro do fluxo narrativo.

“mitote leha Makaigiko telükilü hasēdana tükatsukoinha. Mitotegehaleha Tsikigi telükilü tapigü angatügü ikakilüinha. Etepe ngodingalü hōhō ihekeni, ülepe ogopinhalüha kohotsi. (De manhã os Bakairi saíam para trabalhar nas fazendas. Também de manhã Tsikigi ia tirar leite da vaca. Eles saíam da aldeia e só voltavam no final da tarde.)” (Mehinaku, 2024, p.23).

- (27) Ete-pe ngodingalü hōhō i-heke-ni, [ülepe ogopinhalüha kohotsi.]
 Aldeia-PREP sair PTCL 3-ERG-PL [só voltavam no final da tarde]
 “Eles saíam da aldeia e só voltavam no final da tarde”

No livro *kungatagohoha igei ngongoi* (Esta é a terra que nós plantamos), o marcador *hōhō* ocorre em um contexto descritivo-procedimental, no qual os autores apresentam diferentes etapas do trabalho na roça, e das épocas de colheita. Nesses contextos, *hōhō* parece atuar como um dêitico anafórico, funcionando como um marcador de segmentação de atividades no interior de um discurso instrucional ou descritivo. Em vez de apenas situar eventos pontuais, sua função discursiva é a de ancorar temporalmente ações ou estados relevantes dentro de sequências processuais, organizando o fluxo das instruções ou da descrição. No exemplo (28), *hōhō* marca o intervalo de tempo em que algo *fica sem queimar*, antecedendo a ação subsequente (queimar). Já o exemplo (29), *hōhō* ancora o momento anterior à divisão de algo, situando a ação de rezar como parte da preparação ritual. Assim, nesses usos, *hōhō* parece contribuir para a organização da estrutura informacional do texto descritivo, funcionando como um ponto de referência temporal que ajuda delimitar fases de um processo contínuo.

- (28) [...]Tamitsi hōhō inhügü tūhotela. [Lepene agutipügü atai leha ihotelü leha]
 Demora PTCL ficar sem queimar. [depois que a folha seca cai, queima]
 “Fica um tempo sem queimar. [depois que a folha seca cair, queima]”

(29) Ikumenügü igakaho hōhō ihitsinhügü kehege oto heke

Dividir antes PTCL rezar rezador ERG

“(naquele momento) antes de dividir, o rezador reza”

Dados de ocorrência do dêitico *hōhō*

A fim de compreender a distribuição funcional do dêitico *hōhō* no corpus analisado, realizamos um levantamento quantitativo de suas ocorrências. Os três livros considerados *Dono das palavras*, *Surgimento da festa Jawari* e *Kungatagohoha igei ngongoi* totalizaram 21.066 palavras. No caso do livro *Dono das palavras*, os poucos trechos de falas em português, foram, obviamente, excluídos da contagem. Ao todo, foram identificadas 124 ocorrências do item *hōhō*, distribuídas em diferentes contextos discursivos. A tabela a seguir, apresenta esses dados, organizados de acordo com as funções desempenhadas pelo item, com o objetivo de fornecer uma visão panorâmica de seu comportamento linguístico:

Quadro 1 – Distribuição funcional do item "hōhō" no corpus analisado.

Função de <i>hōhō</i>	Número de ocorrências	% em relação ao corpus
Advérbio Temporal	55	44,5%
Marcador Temporal	50	40,32%
Futuro Imediato	18	14,52%
Obrigatoriedade	1	0,81%
Total	124	100%

Conforme dados apresentados na tabela 1, observa-se uma predominância das funções de advérbio temporal e marcador temporal que juntas somam mais de 84% das ocorrências. Uma possível explicação para esse resultado está no fato de ambas as funções apresentarem traços de deiticidade temporal, ou seja, estão diretamente relacionadas à localização do evento em relação ao momento da enunciação (o agora, naquele momento). Ambas contribuem para a orientação temporal dos enunciados,

situando eventos no fluxo do discurso. Essa característica é central nos processos de gramaticalização, uma vez que expressões com forte ancoragem dêitica tendem a ser reinterpretadas como elementos gramaticais ao longo do tempo (Traugott; Heine, 1991; Traugott, 2010).

A terceira função mais frequente é a de marcador de futuro imediato, presente em 14,52% dos casos. Nesses contextos, *hõhõ*, participa de construções que envolvem sufixo ‘-tai’, associado a projeções de ações futuras. Isso pode reforçar a hipótese de que a noção de deiticidade também está presente nesse uso, embora de forma mais gramaticalizada. Tal expressão de futuro só é possível com o sufixo mencionado, isso pode estar relacionado com a teoria de Bybee (2007) de que a alta frequência de um item em contextos específicos contribui para sua fixação como unidade gramatical, especialmente quando há previsibilidade sintagmática.

Por fim, a função de obrigatoriedade foi registrada em apenas uma ocorrência, o que sugere um uso mais abstrato e possivelmente em estágio inicial de desenvolvimento funcional. A baixa frequência de ocorrências pode indicar um processo emergente, ainda não consolidado. Como ressalta Bybee (2007), a frequência de uso está diretamente relacionada à fixação de construções e à sua possibilidade de mudança linguística. Cabe observar, no entanto, que o tipo de *corpus* também pode ter influenciado esse resultado, especialmente por suas limitações de extensão e diversidade textual.

Considerações finais

Apresentadas as hipóteses para explicar a motivação da multifuncionalidade do dêitico temporal *hõhõ*, podemos então atestar algumas características apontadas por Lehmann (2024) para itens lexicais que evidenciam o fenômeno da poligramaticalização, bem como os *insights* de Lichtenberk (1991) em relação a elementos polissêmicos e seus graus de parentesco. A primeira constatação é que há, de fato, uma única fonte na origem das ramificações gramaticalizadas, a saber: funções de marcador temporal, de futuro

imediatos e de modalidade deôntica. Se considerarmos a função de *dêitico temporal* de *hõhõ* como fonte primária para as duas primeiras ramificações, é possível sustentar que uma característica identificada por Schifffrin (1987), esteja presente nas formas gramaticalizadas: indexação de expressão para um tempo de referência que coincide com o tempo de fala (presente) ou posterior a esse tempo (futuro).

Ao observarmos os graus de parentesco semântico entre os sentidos do elemento polissêmico (multifuncional), conforme proposto por Lichtenberk (1991), podemos esquematizar o seguinte: A (dêitico) tem propriedades *x* (temporal) e *y* (modal) e compartilha propriedade *x* com B e C (marcador temporal e futuridade) e propriedade *y* (modalidade) com D. Acreditamos que a propriedade temporal está relacionada ao uso principal do dêitico, isto é, à sua função de localização temporal, ao passo que a propriedade modal, com nuances deônticas, decorre de usos ainda mais pragmáticos marcados pelo contexto discursivo. Assim, parafraseando Lichtenberk, concluímos que B e C não compartilham propriedades com D, estando essas funções (B, C, D) relacionadas umas à outra somente por intermédio da fonte comum A.

Por fim, retomamos outro ponto levantado por Lehmann (2024): em casos de poligramaticalização, o significado do item fonte tende a apresentar baixa especificidade desde sua origem. Essa baixa especificidade permite seu uso em diferentes construções e o desenvolvimento de formas gramaticais cujo significado é mais determinado pela construção como um todo do que pelo sentido original do item. No caso do item *hõhõ*, tal baixa especificidade se evidencia em: 1. sua referência temporal estar condicionada somente a eventos que se iniciam no exato momento da fala, não sendo possível em certos contextos completivos no passado (*e.g.* ele chegou agora); 2. ambiguidade contextual (tempo e modalidade) que permite leituras tanto temporais quanto modais, o que o torna suscetível a reinterpretações semânticas e funcionais.

Glosas

Quadro 2 - Lista das abreviações estabelecidas pela *Leipzig Gloss Convention*

1	1ª pessoa	FUT	Futuro
2	2ª pessoa	IMP	imperativo
3	3ª pessoa	NEG	Negação
ADV	advérbio	PROG	progressivo
COP	cópula	PL	Plural
ERG	ergativo	SG	Singular

Quadro 3 - Lista de abreviações específicas para este trabalho

FIN	finalidade	PREP	preposição	SUF	sufixo
OBLIG	obrigação	PTCL	partícula		

Referências

- ALLSOPP, Richard. **Dictionary of Caribbean English Usage**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BINNICK, Robert I. **Time and the verb: a guide to tense and aspect**. Oxford University Press. Oxford. 1991.
- BYBEE, Joan L. and PERKINS, Revere and PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press. 1994.
- BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan; PAGLIUCA, W. The evolution of future meaning. *In*: RAMAT, A. G., CARRUBA, O. & BERNINI, G. (org.). **Papers from the Seventy International Conference on Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1987. p.109-122.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge. Cambridge University Press. 1976.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge Press University. 1985.

COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin; BICKEL, Balthasar. **The Leipzig Glossing Rules**: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology & University of Leipzig, 2008. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em: 10 out. 2025.

CRAIG, Collette. Ways to go in Rama: A case study in polygrammaticalization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, B. (org.). **Approaches to grammaticalization 2**. Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 455 - 492.

DEUBER, Dagmar. Modal verb usage at the interface of English and Related Creole: A corpus-based study of can/could and will/would in Trinidadian English. **Sage Journals**, v. 38, n. 2, 2010.

FRANCHETTO, B. **Falar Kuikuro**: estudo etnolinguístico de um grupo Karibe do Alto Xingu. 1986. 1v. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1986.

GILDEA, Spike; QUEIXALÓS, Francesc. **Ergativity in Amazonia**. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company. 2010.

GIVÓN, Talmy (ed.). **Discourse and Syntax**. Vol. 12, Syntax and Semantics. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: A Functional-Typological Introduction, Volume II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

HANCIL, Sylvie; KÖNIG, Ekkehard. **Grammaticalization – Theory and data**. John Benjamins Publishing company. Amsterdam/Philadelphia, 2014.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: A conceptual framework. The University of Chicago Press. Chicago. 1991.

ISA (Instituto socioambiental). **Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu**: 50 anos. São Paulo: ISA, 2011.

KEENAN, Edward. Towards a universal definition of “subject”. In: LI, Charles N. (org.). **Subject and Topic**. Nova Iorque: Academic Press, 1976. p. 303-333.

KUIKURO, Sepé *et al.* **Kungatagohoha igei ngongoi**. Parque indígena do Xingu. AIKAX/ISA FALE UFMG e SECAD/MEC. 2007. Disponível em: www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/indigena/Livro%KUIKUROa.pdf. Acesso em: 05 mai. 2025.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. **Diogenes**, v. 13, n. 51, p. 55-71, 1965.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, Christian. **Polygrammaticalization**. 2024. Disponível em: https://www.christianlehmann.eu/ling/grammaticalization/index_05.php?open=polygrammaticalization.inc. Acesso em: 23 abr. 2025.

LENZ, R. **Deictic conceptualisation of space, time and person**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Pragmatics & Beyond New Series, v. 110. 2003.

LICHTENBERK, Frantisek. Semantic change and heterosemy in grammaticalization. **Language**, v. 67, n. 3, p. 475-509, 1991.

LINS, M. da P. P. Gramaticalização de agora. **(Con)TextLing**, v. 1, p. 135-154, 2007.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge Press University. Cambridge. 1977.

MATOS, Sérgio P. F. **Agora: da deixis temporal à argumentação**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1988. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/8291>. Acesso em: 5 out. 2025.

MEHINAKU, Yamaluí Kuikuro. **Dono das palavras: a história do meu avô**. São Paulo: Todavia, 2024.

MEHINAKU, Yamaluí Kuikuro. **Surgimento da festa Jawari**: Hakaga Etihuntepügü. Instituto Ambiental. São Paulo. 2018. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/surgimento-da-festa-jawari-hagaka-etihuntepugu>. Acesso em: 18 maio. 2025.

MEILLET, Antoine. **L'évolution des formes grammaticales**. Paris: [2012] — versão traduzida por Marcos Bagno como A evolução das formas gramaticais, São Paulo: Parábola, 2020.

MUSAN, Renate; RATHERT, Monika. **Tense across languages**. Berlin/Boston: De Gruyter. 2011.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

RISSO, Mercedes Sanfelice. “Agora...o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado**. Vol. 3: Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-60.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras**: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

ROHRER, C. L'analyse des temps du verbe dans un texte narratif. «**Actes du XVIIe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**», v. 4, Universidade de Provence, p. 439-452, 1986.

SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. **Morfologia Kuikuro**: Gerando Nomes e Verbos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge Press University, 1987.

SILVA, Camilo Rosa; OLIVEIRA, Maria José de. **O advérbio agora em processo de gramaticalização**: é preciso ensinar que/como/por que a língua muda. Universidade Federal da Paraíba; Instituto Federal do Rio Grande do Norte, 2012. [Artigo/Trabalho apresentado].

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization and mechanisms of change. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 549-565.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

Recebido em 15/10/2025.

Aprovado em 10/12/2025.